

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

SUZANA ALVES DE SOUSA

**LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA:
CIRCULAÇÃO E USOS NO COTIDIANO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE
SANTARÉM-PA**

**SANTARÉM - PA
2024**

SUZANA ALVES DE SOUSA

**LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA:
CIRCULAÇÃO E USOS NO COTIDIANO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE
SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Ciências Humanas, do Instituto de
Ciências da Educação da Universidade Federal do
Oeste do Pará, como requisito para obtenção do
grau de Licenciado em História.
Orientador: Prof. Dr. Diego Marinho de Gois.

**SANTARÉM - PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/Ufopa

- S725l Sousa, Suzana Alves de
 Livros didáticos de história na sala de aula: circulação e usos no cotidiano de escolas públicas de Santarém - PA/ Suzana Alves de Sousa. – Santarém, 2024.
 35 p. : il.
 Inclui bibliografias.
- Orientador: Diego Marinho de Gois.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em História.
1. Educação. 2. História. 3. Livros didáticos. I. Gois, Diego Marinho de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.981

SUZANA ALVES DE SOUSA

**LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA NA SALA DE AULA:
CIRCULAÇÃO E USOS NO COTIDIANO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE
SANTARÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Ciências Humanas, do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Conceito:

Data de Aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Diego Marinho de Gois - Orientador
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dra. Lademe Correia de Sousa
Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Anderson Dantas da Silva Brito
Universidade Federal do Oeste da Bahia



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos três dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, na cidade de Santarém, do Estado do Pará, reuniu-se, de forma híbrida via sala virtual, na plataforma de conferência virtual Google Meet e presencial no Laboratório de História, Campus Santarém, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por Suzana Alves de Sousa, matrícula 201800118, intitulado Livros Didáticos de História na sala de aula: circulação e usos no cotidiano de escolas públicas de Santarém-PA, sob orientação do Prof. Dr. Diego Marinho de Gois, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). A banca examinadora foi composta pelo presidente, o docente orientador citado, e pelos seguintes membros docentes: Profra. Dra. Lademe Correia de Sousa (UFOPA) e Prof. Dr. Anderson Dantas da Silva Brito (UFOB). Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho, a banca deferiu pela (x) aprovação / () reprovação do TCC, atribuindo ao mesmo a nota 9,5. Fica acordado que a referida nota (9,5) está condicionada à entrega da versão final do trabalho, no prazo máximo de 15 dias, a partir desta data, e o mesmo deverá contemplar as observações da banca examinadora. Proclamados os resultados pelo presidente da banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu prof. Diego Marinho de Gois, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor e membros da banca examinadora.

Documento assinado digitalmente



SUZANA ALVES DE SOUSA
Data: 09/05/2024 10:10:40-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Autor: ..

.....

Documento assinado digitalmente



DIEGO MARINHO DE GOIS
Data: 09/05/2024 11:47:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador:

Documento assinado digitalmente



ANDERSON DANTAS DA SILVA BRITO
Data: 06/05/2024 13:14:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a):

Documento assinado digitalmente



LADEME CORREIA DE SOUSA
Data: 08/05/2024 08:29:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a):

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo investigar como os livros didáticos de História são utilizados em diversos contextos de ensino e por diferentes sujeitos, inserindo-se também na pesquisa sobre o ensino de História em nível regional. Serão apresentados os resultados da pesquisa que foi realizada nas escolas públicas em Santarém/PA, como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFOPA). Foram realizados estudos de natureza etnográfica em três escolas de nível Fundamental II, localizadas em diferentes bairros tanto da área central como das regiões periféricas da cidade de Santarém, das quais duas foram selecionadas para serem apresentadas neste trabalho. Foi utilizado um roteiro referencial, desenvolvido pelas professoras Ivanilda Higa e Tânia Braga Garcia, do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná, como base metodológica para as observações das aulas e entrevistas com os professores, além de textos de autores como Diego Marinho de Gois (2022), Kazumi Munakata (2012), Tânia Regina de Luca (2009), Alain Choppin (2009), entre outros. Durante as visitas às escolas, foram coletadas evidências de uso do livro didático, incluindo planos de aula, atividades e anotações feitas diretamente no livro. As fontes coletadas foram organizadas, catalogadas e integradas a um banco de dados. Observou-se que, embora a mesma coleção de livros (Coleção Araribá, PNLD 2020-2023) seja utilizada em todas as escolas pesquisadas, a subjetividade dos diversos envolvidos resulta em práticas diferenciadas de utilização dos livros, conferindo singularidade a cada cotidiano escolar investigado.

Palavras-chave: Educação; História; Livros Didáticos; Amazônia.

ABSTRACT

This study aims to investigate how history textbooks are used in various educational contexts and by different individuals, also contributing to research on the teaching of history at a regional level. The results of the research conducted in public schools in Santarém, PA, as part of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC/UFOPA), will be presented. Ethnographic studies were conducted in three middle schools located in different neighborhoods, both in the central area and in the peripheral regions of Santarém, two of which were selected to be presented in this work. A reference guide developed by professors Ivanilda Higa and Tânia Braga Garcia from the Department of Theory and Practice of Teaching at the Federal University of Paraná was used as the methodological basis for classroom observations and teacher interviews. Additionally, texts by authors such as Diego Marinho de Gois (2022), Kazumi Munakata (2012), Tânia Regina de Luca (2009), Alain Choppin (2009), among others, were used. During school visits, evidence of textbook use was collected, including lesson plans, activities, and notes made directly in the books. The collected sources were organized, cataloged, and integrated into a database. It was observed that although the same textbook collection (Araribá Collection, PNLD 2020-2023) is used in all the schools studied, the subjectivity of the various individuals involved results in differentiated practices of using the books, giving each investigated school context its own uniqueness.

Keywords: Education; History; Textbooks; Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 e 2 - Plano de aula elaborado pela professora A para as aulas de História nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, abordando o tema "A Grande Guerra e a Revolução", com o visto da pedagoga da escola.....	21
Figura 3 e 4 - Trechos selecionados do manual da Professora A, evidenciando uma abordagem metodológica alternativa para o uso do livro didático.....	23
Figura 5 - Página do caderno de planejamento do Professor B, com registros de atividades, marcando o início do segundo bimestre letivo.....	25
Figura 6 e 7 - Páginas do caderno de planejamento do Professor B, onde ele especifica o texto e as atividades do livro didático que serão trabalhados, e indicação do uso do celular como suporte nas aulas.....	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados quantitativos das fontes coletadas.....	19
Quadro 1 - Reprodução integral dos tópicos propostos para discussão do tema “A Grande Guerra e a Revolução”, elaborados pela Professora A a partir do livro didático.....	23

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
SEMED	Secretaria Municipal de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	12
2.1 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS.....	16
3 O CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DE FONTES.....	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
APÊNDICE.....	32

1 INTRODUÇÃO

Os livros didáticos desempenham um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, atuando como uma ferramenta metodológica de extrema importância nos mais diferentes contextos escolares. Dessa forma, não é de se estranhar que esse objeto tão comum ao nosso dia a dia enquanto estudantes, licenciandos e professores, se tornasse objeto e fonte de pesquisas. A extensa lista de autores que se dedicam a essa temática nos fornece uma considerável base teórica, beneficiando não apenas nossa formação como licenciados, mas também nosso trabalho como pesquisadores na área. É o que destaca Alain Choppin, teórico dos estudos da manualística:

Os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou à semiologia da imagem. O manual é, realmente, um objeto complexo dotado de múltiplas funções, a maioria, aliás, totalmente despercebidas aos olhos dos contemporâneos. [...] Mas se os manuais constituem, para o historiador, uma fonte privilegiada, não é somente pela riqueza e pela multiplicidade de olhares que ele pode impelir sobre eles. Em primeiro lugar, o livro de classe situa-se na articulação entre as prescrições impostas, abstratas e gerais dos programas oficiais - quando existem - e o discurso singular e concreto, mas por natureza efêmero, de cada professor na sua classe. O manual constitui um testemunho escrito, portanto permanente, infinitamente mais elaborado, mais detalhado, mais rico que as instruções que supõe preparar (CHOPPIN, 2002, p. 13).

A facilidade de acesso, sua presença cotidiana e produção em larga escala contribuíram para que até pouco tempo atrás esse material passasse despercebido como fonte de pesquisa, esclarece Choppin (2002, p. 6). Outras questões para além disso são apontadas por Tânia Regina de Luca (2012, p. 4) e merecem atenção, como quando ela diz que antigamente os livros eram escritos quase sempre por membros da elite e esse “fato atesta tanto o prestígio que cercava a autoria deste tipo de material, quanto às possibilidades de lucro que oferecia”, porque eram reimpressos por sucessivas edições e durante décadas, fato esse que começa a se modificar a partir da segunda metade do século XX.

O avanço das ciências, a democratização da educação para todos os graus de ensino e a introdução de diversas novas fontes e abordagens dentro do campo da História fez com que houvesse uma necessidade de constante atualização das informações contidas nos manuais didáticos, o que também fez com que esses livros

começassem gradualmente a se inserir dentro de uma lógica de mercado e comessem também a serem vistos como um produto a ser vendido e consequentemente, consumido. Como é afirmado igualmente por Alain Choppin, esses livros “perdem todo valor de mercado assim que uma mudança nos métodos ou nos programas fixam sua prescrição ou, ainda, quando fatos atuais impõem-lhes modificações [...]” (2002, p. 6).

Dessa forma, retomando a ideia de Tânia Regina de Luca:

A profissionalização da área de História, patente a partir da criação dos cursos superiores, e o incremento da pesquisa exigem atualização constante das informações, o que tem diminuído significativamente o tempo de utilização dos livros no espaço escolar. [...] O livro didático de História precisa estar em sintonia com os avanços aportados pela pesquisa especializada (LUCA, 2012, p. 5).

Selva Guimarães (2011, p. 50), faz uma breve retrospectiva das mudanças ocorridas nos livros didáticos e paradidáticos, destacando principalmente o período entre as décadas de 1960 e 70. Ela observa que, de maneira geral, a indústria cultural e a educação escolar estiveram profundamente ligadas, especialmente após a reforma educacional de 1971¹, com o objetivo de promover a disseminação em massa do ensino e da cultura. Dessa forma:

Houve uma adoção em massa de livros didáticos, incentivada pelo Estado e pela indústria editorial brasileira, em plena expansão, por meio dos incentivos estatais. O livro didático assumiu, assim, a forma do currículo e do saber nas escolas (GUIMARÃES, 2011, p. 50).

Esse processo se tornou ainda mais forte a partir do decreto que instaurou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 1985², que desde então tem guiado as políticas relacionadas à área no Brasil. O que fez com que esse livro seja agora visto como uma mercadoria e que dispõe de uma equipe editorial dedicada a supervisionar cada etapa do processo de produção, garantindo sua conformidade com

¹Reforma tornou ensino profissional obrigatório em 1971. Agência Senado. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/03/03/reforma-do-ensino-medio-fracassou-na-ditadura#:~:text=Em%201971%2C%20o%20governo%20militar,como%20principal%20objetivo%20a%20profissionaliza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 abril 2024.

²Decreto nº 91.542, de 19 de Agosto de 1985. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre sua execução e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Seção 1 de 20/8/1985, Página 12178. Brasília, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91542-19-agosto-1985-441959-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 abril 2024.

as políticas e normas em vigor. É a partir desse momento que Selva Guimarães identifica o que ela chama de “duplo movimento de renovação” (2009, p. 53). Em um primeiro momento, ocorre a renovação no campo historiográfico, evidenciada pelo surgimento e consolidação de correntes como a Escola dos Annales, que introduz novas abordagens e fontes, juntamente com a Escola Inglesa e seu enfoque no materialismo histórico. A demanda por uma constante atualização dos conteúdos requer das editoras a adaptação às mudanças e inovações dentro do campo acadêmico. Elas devem garantir que seus materiais estejam em conformidade com as expectativas dos clientes, incluindo o Estado e outros interessados, para atender às suas necessidades. Uma vez que, segundo Alain Choppin (2002, p. 14) o livro didático contém aquilo que *a priori*, seria o que deveria ser “repassado” para as futuras gerações, ou seja, há uma seleção de quais saberes e conhecimentos devem ser perpetuados, e esse manual “participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude”.

2 REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Ao contrário de obras que expressam opiniões pessoais ou visões particulares de mundo, espera-se que o livro didático seja fundamentado em critérios científicos e reflita visões mais amplas e democráticas da realidade, conforme estabelecido por normativas como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996)³ ou o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014)⁴, que terá sua atualização decenal em 2024. De acordo com Tânia Regina de Luca:

De saída, é preciso reconhecer que os espaços de circulação dos livros didáticos são, pelo menos em tese, bem mais específicos que os literários, e que neles o Estado desempenha papel essencial, pois é da sua competência definir os contornos do aparato escolar, sobre o qual tem o poder de legislar, formular propostas pedagógicas, impor conteúdos, programas curriculares e normas para os profissionais que nele atuam. E é justamente a existência de uma política educacional que cria um público cativo (os alunos), que demanda livros específicos (escolares), que devem ser escritos (autores) e produzidos (editores) de acordo com os programas e objetivos prescritos e reconhecidos

³ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 mar. 2024.

⁴ BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 15 mar. 2024.

como relevantes (Estado) pelo menos por parte da sociedade (LUCA, 2009, p. 153).

Essa ampliação dos conceitos proposta por Tânia de Luca nos permite uma compreensão mais abrangente dos aspectos envolvidos na análise dos manuais didáticos, indo além de sua natureza material. Uma vez que, entendemos também que o livro didático, enquanto fonte de pesquisa, transcende sua natureza meramente material, conforme discutido por outros teóricos da área como Kazumi Munakata (2012). Para ele, ao tratarmos da materialidade do livro como fonte de pesquisa, entendemos que quando falamos dessa materialidade, não estamos simplesmente tratando desse livro como um objeto que segundo o autor para “alguns pesquisadores, pretendendo apreender a “materialidade”, passaram a medir, régua em punho, o tamanho das páginas”. A teoria a qual o autor se propõe a analisar essa materialidade deve levar em consideração, sobretudo, o que “remete à materialidade das relações sociais em que os livros (inclusive didáticos) estão implicados” (MUNAKATA, 2012, p. 184), uma vez que essas produções estão englobadas dentro de uma lógica mercadológica, precisam se adaptar, podendo ser sujeitas a diversas alterações, censuras e acréscimos, dependendo do contexto em que são criadas. O importante, ainda de acordo com Kazumi Munakata (2012, p. 185), “é ter a exata noção de que a materialidade das relações que estão implicadas no livro, entre o autor e o leitor, é sobredeterminada pelo mercado”.

Já dentro do contexto de análise dos livros didáticos, é necessário compreender, em primeiro lugar, a definição do que se entende por livro didático. Esta compreensão é retirada de análises de autores como a de Tânia Regina de Luca e Alain Choppin. Tânia de Luca (2009), a princípio, aborda a tríade escritor (autoria), obra (existência física) e público (leitores) como ponto de partida, porém vai além ao sugerir a inclusão de um quarto elemento nessa estrutura analítica: o Estado. De fato, é ele que define os conteúdos a serem incluídos no currículo escolar⁵, os quais são colocados em circulação para toda a comunidade escolar por meio do livro didático. Para Alain Choppin (2009), a análise de livros didáticos deve começar por questionar o que se entende por livro didático, quais conceitos, termos ou abordagens analíticas são empregados para que um livro, inicialmente considerado um livro comum, seja reconhecido dentro dos parâmetros do que se define como livro didático. Esta é a

⁵ Entre essas normativas estão o Plano Nacional de Educação e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, supracitados nas notas de rodapé.

questão que o autor nos convida a refletir, ao apresentar "quatro perspectivas diferentes, mas complementárias" para analisar e enquadrar esse livro. Desse modo, para Choppin, esses quatro parâmetros se apresentam da seguinte forma: em primeiro lugar, quanto aos nomes, identificando os termos utilizados para referir-se aos manuais escolares e suas implicações; em seguida, analisando o conceito, quando trata do campo semântico; o terceiro enfoque será nos suportes e modalidades de difusão e uso dos manuais; por fim, discute os desafios metodológicos associados ao levantamento de coleções de manuais, incluindo questões de dispersão de coleções, categorização e tipologia (CHOPPIN, 2009, p. 1).

Alain Choppin (2004, p. 553) nos apresenta ainda um panorama das várias funções, individuais ou em conjunto, que o livro didático pode assumir durante seu uso, as quais incluem: sua função referencial (fazendo parte do programa da disciplina, como portador de conteúdos), instrumental (apresentando metodologias, exercícios), ideológica e cultural (difundindo valores das classes dominantes) e documental (apresentando fontes para desenvolver o espírito crítico do aluno, como textos e imagens).

Contudo, ao analisarmos o cotidiano escolar, notamos que os professores frequentemente seguem uma abordagem própria na utilização desse livro, muitas vezes divergente do que é prescrito pelas políticas dominantes. Conforme será demonstrado mais à frente, de acordo com os professores que participaram da pesquisa, o ato de pesquisar e buscar trazer outros materiais para além daqueles disponibilizados pelos programas de distribuição de livros didáticos, é uma ação corriqueira dentro do fazer docente, além de ser fonte de possíveis problematizações dentro das aulas. Selva Guimarães (2011) nos introduz algumas considerações sobre o que ela classifica como uma nova "prática recorrente na educação escolar".

Trata-se de uma opção metodológica que amplia o olhar do historiador, o campo de estudo, tornando o processo de transmissão e produção de conhecimentos interdisciplinar, dinâmico e flexível. As fronteiras disciplinares são questionadas; os saberes são religados e rearticulados em busca de inteligibilidade do real histórico. Esse processo requer de nós, professores e pesquisadores, um aprofundamento de nossos conhecimentos acerca da constituição das diferentes linguagens, seus limites e suas possibilidades (GUIMARÃES, 2011, p. 163).

E isso se aplica à nossa pesquisa, no que diz respeito à investigação desses indivíduos que contribuem para a construção da história diariamente, uma vez

que a pesquisa busca investigar como os manuais didáticos são trabalhados pelos mais diferentes sujeitos e nos mais diferentes contextos de ensino. Rockwell e Ezpeleta (2007, p. 131-133) nos apontam a importância de se estudar esses “sujeitos que realizam anonimamente a história”, e que constroem um cotidiano escolar para “[...] além das determinações oficiais”. E para tratar desses diferentes contextos, as autoras trazem também apontamentos sobre as particularidades de cada ambiente escolar:

Pensamos que a construção de cada escola, mesmo imersa num movimento histórico de amplo alcance, é sempre uma aversão local e particular neste movimento. Cada um de nossos países mostra uma forma diferente de expansão de seu sistema público de escola, a qual se liga ao caráter das lutas sociais, a projetos políticos identificáveis, ao tipo de “modernização” que cada Estado propôs para o sistema educacional dentro de precisas conjunturas históricas. As diferenças regionais, as organizações sociais e sindicais, os professores e suas reivindicações, as diferenças étnicas e o peso relativo da Igreja marcam a origem e a vida de cada escola. A partir daí, dessa expressão local, tomam forma internamente as correlações de forças, as formas de relação predominantes, as prioridades administrativas, as condições trabalhistas, as tradições docentes, que constituem a trama real em que se realiza a educação. É uma trama em permanente construção que articula histórias locais – pessoais e coletivas –, diante das quais a vontade estatal abstrata pode ser assumida ou ignorada, mascarada ou recriada, em particular abrindo espaços variáveis a uma maior ou menor possibilidade hegemônica. Uma trama, finalmente, que é preciso conhecer, porque constitui, simultaneamente, o ponto de partida e o conteúdo real de novas alternativas tanto pedagógicas quanto políticas (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 133).

As autoras propõem, então, a ideia de abordar cada contexto escolar como único e analisar como os docentes se apropriam do livro didático, indo para além do papel de meros receptores das diretrizes oficiais. Com isso, ressaltam ainda uma diferença evidente quando apontam a existência de duas perspectivas diferentes da mesma história, uma oficial e uma vivenciada no dia a dia, onde dizem que “Coexiste, contudo, com esta história e existência documentada, outra história e existência, não documentada, através da qual a escola toma forma material, ganha vida” (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 134). Mais do que “tomar forma material e ganhar vida”, como dizem as autoras, esses indivíduos se apropriam e ressignificam, tornando-se consumidores desse produto que é o livro didático.

O ato de se apropriar desse material, dando-lhe novos significados e contribuindo para a construção de sentidos, é um dos fundamentos encontrados na abordagem teórica de Michel de Certeau (2011). Ele defende que o leitor não é meramente um consumidor passivo desse produto (nesse caso, o livro didático), mas

sim um agente que contribui ativamente para que essa dinâmica de apropriação ocorra dentro de um contexto baseado principalmente em suas experiências de vida.

Em resumo, “a leitura introduz portanto uma “arte” que não é passividade (2011, p. 50), logo, o consumo é o reemprego das coisas que lhe são impostas. Dessa forma, vemos que o cotidiano escolar é uma construção. As entidades oficiais até podem determinar quais conteúdos serão disponibilizados por meio dos livros distribuídos, mas essa elite não pode controlar os significados que esses produtos culturais terão para os indivíduos que os consomem. Há, de fato, uma margem de autonomia do leitor (consumidor) na criação de outras representações e significados para os conteúdos, imagens e textos presentes, que não estão necessariamente alinhados com os objetivos dos editores, impressores ou autores. Segundo Tânia Regina de Luca:

Afirmar que o ato de ler é contraditório significa que o leitor é, em princípio, livre para apreender várias significações de um texto e que estas podem mesmo ser bastante diferentes das desejadas pelo seu criador. [...] a escola pode ser encarada como espaço de reprodução e transmissão de ideologias, e de divisão social do trabalho, também produz conhecimento e comporta oposição, e resistência a projetos hegemônicos (LUCA, 2012, p. 2).

Certeau também diferencia entre o que ele denomina estratégias e táticas. Ele afirma que “O que distingue estas daquelas são os *tipos de operações* nesses espaços que as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar” (CERTEAU, 2011, p. 92, grifo do autor). Adaptando para o contexto da nossa pesquisa, podemos verificar que existem as estratégias utilizadas pelos órgãos oficiais para tentar padronizar e manter uma régua que facilite a medição dos níveis de eficiência das políticas de ensino. E por outro lado, existem as táticas utilizadas, não apenas pelos docentes, como veremos aqui, mas também por seus alunos. São essas táticas que são tão intrínsecas ao fazer docente que constroem o cotidiano escolar em uma narrativa que foge do oficial. Nas palavras de Certeau, “[...] a tática é a arte do fraco” (2011, p. 101).

2.1 METODOLOGIA E COLETA DE DADOS

Partindo disso, considero necessário então, neste primeiro momento, fornecer uma breve contextualização sobre o desenvolvimento da pesquisa,

abordando as motivações iniciais e os questionamentos que buscamos responder. Isso permitirá avançar para o relato e análise das fontes. Inicialmente, meu primeiro contato com o estudo do livro didático ocorreu em uma disciplina optativa que cursei dentro do curso de Licenciatura em História, ministrada pelo Prof. Dr. Diego Marinho de Gois, com quem meses depois, comecei minha atuação como bolsista orientanda em um projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), onde desenvolvemos o projeto intitulado "Escolas e Ensino de História na Amazônia: Estudos do cotidiano, da cultura escolar, dos livros e materiais didáticos", e dentro desse projeto com o plano de trabalho denominado "Livros Didáticos e Outros Materiais de Ensino de História nas Escolas da Amazônia Brasileira", o qual foi desenvolvido durante o ano letivo de 2023.

Em linhas gerais, nosso principal objetivo dentro do projeto era o de investigar os livros didáticos e outros materiais de ensino de História, bem como as legislações e currículos associados a esse ensino, analisando principalmente como é feita a sua utilização no cotidiano das escolas do Baixo Amazonas. Partindo desse ponto, foi necessário definir quais escolas seriam trabalhadas, e foi nesse momento que nos deparamos com nosso primeiro desafio. Inicialmente, nosso recorte geográfico compreendia o Baixo Amazonas, com a intenção de incluir escolas dessa região. No entanto, devido a questões de distância, tempo e deslocamento, o projeto acabou sendo desenvolvido exclusivamente na cidade de Santarém - PA. Mesmo assim, procuramos diversificar as escolhas, optando por instituições de diferentes bairros da cidade, e levando em consideração, claro, o contexto geográfico em que a pesquisa está inserida. Autores como Tânia Regina de Luca (2009) destacam a importância de explorar o contexto em que a instituição de ensino está inserida para compreender como algo tão presente no cotidiano escolar como o livro didático, que em teoria segue um padrão de conteúdos, mas não necessariamente leva em consideração as particularidades de cada ambiente escolar, acaba por adquirir diferentes usos dependendo do seu "consumidor", conforme veremos mais adiante nas ideias defendidas na teoria de Michel de Certeau (2011, p. 38). Para exemplificar a ideia de Tânia Regina de Luca, vemos que:

De fato, a análise dos livros escolares, além de permitir que se trace uma história das práticas pedagógicas, pode fornecer informações sobre as expectativas, valores e crenças vigentes na sociedade em que foram produzidos, o grau de desenvolvimento científico, que delimita as trajetórias e as concepções das disciplinas escolares num dado momento, e as

circunstâncias econômicas e materiais de sua produção (LUCA, 2009, p. 151).

Dessa forma, uma das primeiras questões a serem resolvidas dentro do projeto, foi o de buscar fontes documentais que fornecessem evidências do uso de livros didáticos por professores que trabalham na rede de ensino da educação básica na região. Para que a pesquisa pudesse então ser conduzida, foram realizados estudos etnográficos em três escolas de Ensino Fundamental II na cidade de Santarém, com o intuito de coletar essas evidências do cotidiano escolar. Como já citado, a escolha procurou abranger escolas em diferentes contextos e ambientes, municipais e estaduais, situadas também em diferentes bairros, da área central e das regiões periféricas. As escolas selecionadas para a condução das pesquisas foram a Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Almirante Soares Dutra, ambas localizadas no bairro do Caranazal, e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Batista Belo De Carvalho, situada no bairro São José Operário. Assim sendo, serão então apresentadas no tópico “O contexto escolar: uma análise de fontes” tanto a descrição das escolas quanto dos professores colaboradores que atuam nelas. No entanto, por uma questão metodológica relacionada à disponibilidade de fontes, optamos por apresentar aqui apenas duas das escolas trabalhadas: Escola Rotary e Escola Antônio Belo de Carvalho.

Na fase inicial de coleta de dados com os professores, foi escolhido o método de um questionário impresso, distribuído pessoalmente. O questionário utilizado foi desenvolvido com base em um roteiro elaborado pelas professoras Ivanilda Higa e Tânia Braga Garcia, do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da Universidade Federal do Paraná, e foi adaptado para se adequar ao contexto da nossa pesquisa. O questionário foi dividido em três blocos de perguntas e incluiu tanto perguntas abertas quanto fechadas, visando obter uma compreensão abrangente do uso do livro por parte dos professores. Com base no estudo de GARCIA (2013) e nos questionamentos levantados pela autora, iniciamos nossa busca por respostas que pudessem abordar algumas questões dentro do âmbito da nossa pesquisa, como por exemplo:

[...] Como as escolas escolhem os livros? Que papel eles cumprem na organização do ensino em escolas de diferentes tipos e regiões? Que relações eles têm com o planejamento e o desenvolvimento das aulas? Como

os professores e alunos se apropriam dos conteúdos dos livros? Que significado os conteúdos têm para as populações das diferentes regiões brasileiras? O que se ensina e o que se aprende por meio dos livros? (GARCIA, 2013, p. 74).

Dessa forma, dentre as informações que esperávamos coletar estavam algumas relacionadas à: caracterização do perfil da escola, dos alunos e formação docente; sobre o livro didático de história; e sobre a forma de utilização do livro em sala de aula. Como mencionado anteriormente na parte introdutória, a finalidade da coleta de fontes era estabelecer um banco de dados destinado a auxiliar as pesquisas na área. Abaixo um pequeno demonstrativo quantitativo das fontes coletadas, por tipologia.

Tabela 1 – Dados quantitativos das fontes coletadas por tipologia

Tipologia	Dados quantitativos
Caderno do professor com evidências do livro didático	30 registros
Fotos das atividades	38 registros
Marcas de usos nos livros didáticos	58 registros
Total	126 registros

Fonte: Elaborado pela autora.

Como pôde ser observado, nosso maior quantitativo foi em relação às marcas de usos encontradas nos livros didáticos, uma vez que esse era o principal foco da pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que nossa pesquisa não tinha a intenção de ser quantitativa, mas sim qualitativa, tanto que, apenas algumas das fontes que apresentavam marcas ou usos particularmente significativos foram selecionadas para serem discutidas aqui, demonstrando a abordagem qualitativa adotada em nossa pesquisa.

Assim, em grande parte, seguimos o planejamento estabelecido no plano de trabalho do Projeto de Iniciação Científica ao qual eu estava associada como bolsista. Dessa forma, foram feitas reuniões com os participantes do projeto (sendo os participantes: o orientador, os bolsistas e voluntários), onde foram indicados textos referenciais que ajudariam na elaboração dos roteiros de entrevista, observação das aulas e posteriormente treinar o olhar para a coleta e análise das fontes. Em seguida, o próximo passo era o de delimitar quais escolas seriam pesquisadas e entrar em contato, levando a carta de apresentação e explicando do que se tratava o trabalho.

Feito esse primeiro contato com as escolas, partimos para a observação das aulas junto aos professores e solicitamos também se poderíamos ter acesso aos materiais didáticos que eles utilizavam, onde foram encontradas e documentadas quaisquer evidências que indicassem o uso dos livros didáticos por esses docentes. Após a coleta de fontes, seguindo o planejamento, começamos a sistematização desse inventário e a realização de análises pertinentes às provocações encontradas nas fontes, algumas das quais são apresentadas neste trabalho.

3 O CONTEXTO ESCOLAR: UMA ANÁLISE DE FONTES

A pesquisa aqui relatada ocorreu inicialmente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary e contou com a colaboração da docente que aqui denominaremos de Professora A, ela atua na área da educação há quinze anos, sendo treze deles como docente concursada pelo município de Santarém. A professora é graduada em História, com especialização em História Contemporânea, e participa ativamente de eventos relacionados à área. Além disso, ela também possui formação em Matemática e Física, e está atualmente cursando Direito. No que diz respeito à escola, ela está situada em uma área central da cidade e, de acordo com a professora, os alunos que frequentam são provenientes de diversos bairros da cidade, embora a maioria deles seja oriunda de famílias de classe média. Segundo informações retiradas da página da Prefeitura de Santarém⁶, em matéria publicada no ano de 2020, a escola atendia naquele momento 503 estudantes desde o 1º ao 9º ano do ensino fundamental, além de contar com uma equipe de 39 colaboradores.

De forma análoga, será apresentado também o relato do Professor B, graduado em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) com especialização (não especificada), onde possui 12 anos de experiência na profissão, lecionando atualmente na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Batista Belo de Carvalho. Assim como a Professora A, ele também participa ocasionalmente de eventos na área da História, mas seus relatos diferem em relação ao contexto escolar de cada um. Um primeiro ponto a ser considerado é a posição

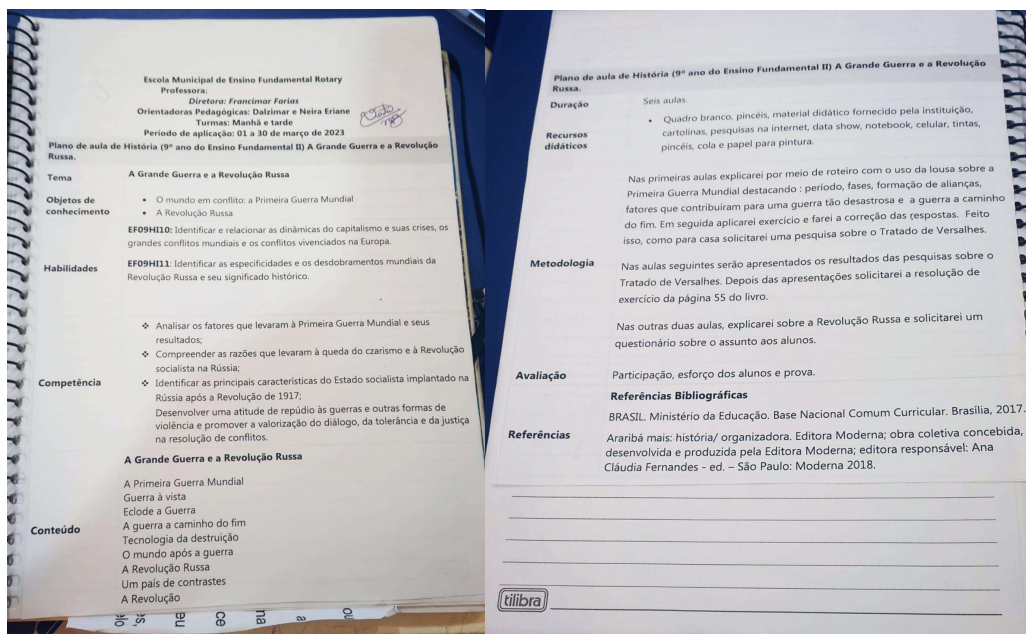
⁶SANTARÉM. **Prefeitura de Santarém**: Comunidade do Caranazal comemora a entrega da revitalização da Escola Rotary. Disponível em: <https://santarem.pa.gov.br/noticias/gerais/comunidade-do-caranazal-comemora-a-entrega-da-revitalizacao-da-escola-rotary-117854f67bcc8-b674-4427-8b0e-5f0c4df4b3e7>. Acesso em: 10 jul. 2023.

geográfica da Escola Belo de Carvalho dentro da cidade, sendo localizada em um dos bairros considerados distantes da zona central. Sendo importante destacar que a Escola Rotary é da rede municipal de ensino, enquanto a Escola Belo de Carvalho é da rede estadual. Somado a isso, de acordo com o Professor B, seus alunos costumam ser do mesmo bairro onde está localizada a escola, e em sua maioria de famílias de baixa renda. Essas distinções, ainda que de maneira superficial, permitem-nos caracterizar o ambiente no qual essas escolas estão inseridas.

Em uma primeira visita à Escola Rotary, fui encaminhada para conversar com a direção da escola, que prontamente me informou que a Professora A faz uso frequente do livro didático em suas aulas, fato esse que chamou a atenção e foi confirmado posteriormente durante o questionário de entrevista que realizei com ela. Conforme relatado pela Professora A, em determinado ano ela conseguiu utilizar o livro didático em sua totalidade, abrangendo todo o conteúdo programático do ano letivo. No entanto, atualmente ela percebe que consegue utilizá-lo em apenas cerca de 80% a 90% desse conteúdo. Segundo a própria professora, a escola se empenha bastante no processo de construção do plano de aula. Ela mencionou que a coordenação pedagógica solicita o plano de curso anual e o plano de aula semanal, através dos quais acompanham os conteúdos e objetivos a serem alcançados, além de focar nas habilidades esperadas em relação aos alunos.

Durante a visita, a professora a todo momento ressaltou a importância de seguir os parâmetros que direcionam seus objetivos de ensino, sendo eles o Projeto Político Pedagógico da Escola, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e projetos interdisciplinares definidos em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Ela também menciona que ter ingressado recentemente no curso de Direito influenciou diretamente seu planejamento das aulas, levando-a a incluir eventos alusivos a datas de cunho social e político, como a Semana do Empoderamento Feminino, Semana dos Povos Indígenas, e Semana da Consciência Negra, também presentes no calendário da SEMED. Abaixo um exemplo de um plano de aula elaborado pela professora:

Figuras 1 e 2 – Plano de aula elaborado pela professora A para as aulas de História nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II, abordando o tema "A Grande Guerra e a Revolução", com o visto da pedagoga da escola.



Fonte: Acervo do Projeto⁷.

Como podemos observar, nos planos de aula da Professora A, ela se refere ao livro didático como “material didático fornecido pela instituição”, além de citá-lo nas referências em conjunto com a BNCC, e sempre especificando a sequência didática a ser seguida, conforme apresentado nas Figuras 1 e 2. Durante o processo de pesquisa, tive a oportunidade ainda de observar uma aula ministrada pela Professora A para uma turma do 9º ano. À primeira vista, notei que havia um número relativamente baixo de alunos presentes na sala, totalizando 20 estudantes. No entanto, a professora garantiu que essa turma com um número reduzido era uma exceção. E ainda assim, menos da metade dos alunos havia levado o livro para a aula. De acordo com a professora, embora seja permitido que os alunos levem o livro para casa, nem todas as turmas possuem acesso a um livro individual, o que muitas vezes leva à necessidade de compartilhamento entre um ou mais alunos. Entretanto, a professora não especificou se esse era o caso da turma em questão.

Durante a aula que eu acompanhei junto com a turma, o tema abordado foi "A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)". A professora selecionou tópicos relevantes dos textos que acompanhavam o conteúdo, e os utilizou como base para explicar o assunto que seria debatido. Tive acesso aos planos de aula da Professora A como

⁷ Acervo do Projeto "Escolas e Ensino de História na Amazônia: Estudos do cotidiano, da cultura escolar, dos livros e materiais didáticos", desenvolvido como parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

mostrado nas Figuras 1 e 2, e a aula que acompanhei era a primeira dentro de uma sequência didática de três aulas. Os tópicos utilizados por ela foram:

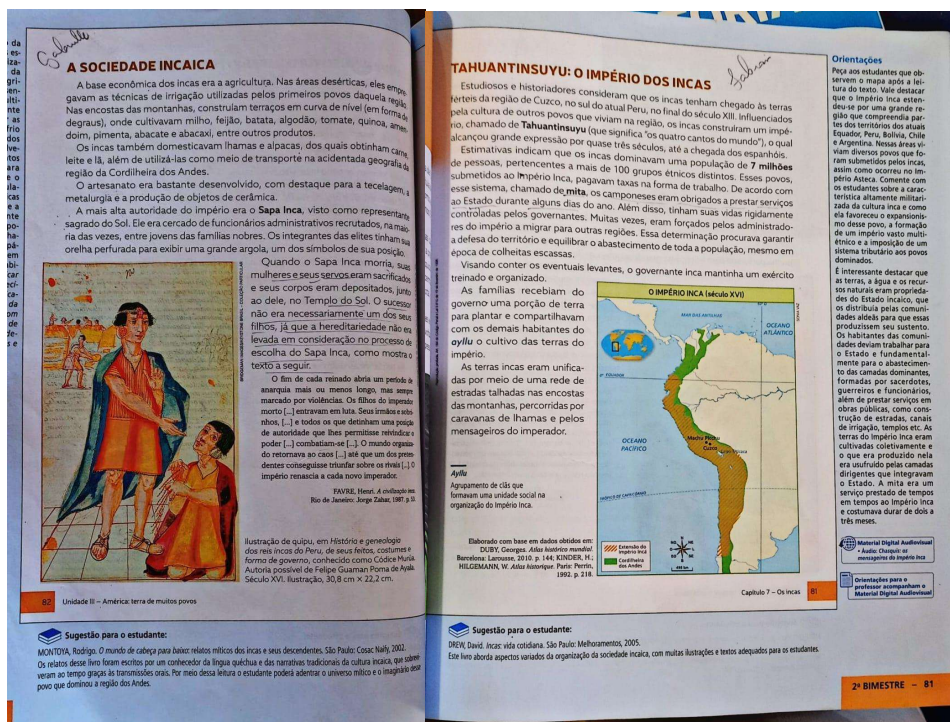
Quadro 1 - Reprodução integral dos tópicos propostos para discussão do tema “A Grande Guerra e a Revolução”, elaborados pela Professora A a partir do livro didático.

Primeira Guerra Mundial (1914-1918)	
• Fatores • Disputa Imperialista • Revanchismo Francês • Formação de alianças • Tensões entre as potências econômicas • Movimentos Nacionalistas • Guerra à vista	• Tríplice aliança: Império alemão, Austro-Húngaro e Itália • Tríplice Entente: Rússia, França e Grã-Bretanha • Paz armada Península balcânica • Eclode a guerra • Estopim -> morte do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando por um estudante sérvio

Fonte: Elaborado pela própria autora.

A professora organizou os tópicos seguindo a ordem cronológica dos eventos descritos no livro. Como esta era a primeira aula de uma sequência didática de três, os assuntos abordaram os eventos que levaram até o "estopim" da Segunda Guerra Mundial, com a morte do arquiduque austríaco Francisco Ferdinando em 1914. Durante a explicação do assunto, pude observar que a professora A utilizou diferentes métodos de leitura do livro: primeiro, ela leu o texto em voz alta; em seguida, ela pediu que um aluno lesse individualmente, indicando a página e o parágrafo; e, finalmente, houve uma leitura coletiva com a participação dos alunos. De acordo com a professora, esses métodos de leitura são classificados por ela como leitura "individual, coletiva e compartilhada". Além disso, ela mencionou que às vezes é solicitado que os alunos leiam o livro fora do horário de aula e completem atividades adicionais, como resumos, fichamentos, resolução de exercícios e pesquisas, conforme exemplificado a seguir nas Figuras 3 e 4

Figuras 3 e 4 - Trechos selecionados do manual da Professora A, evidenciando uma abordagem metodológica alternativa para o uso do livro didático.

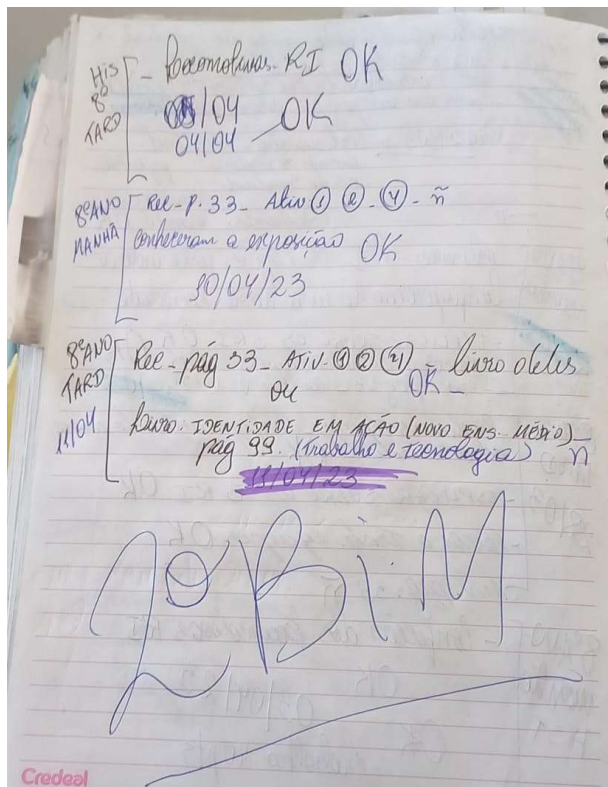


Fonte: Acervo do Projeto.

Nesse exemplo ilustrado nas Figuras 3 e 4, a professora relatou que estava utilizando a metodologia de dividir o livro em seções e atribuindo cada seção a um aluno específico, garantindo que todos na sala tivessem a chance de participar. Cada aluno era encarregado de ler sua parte em casa, pesquisar sobre o tema e apresentá-lo para a turma, incluindo informações e explicações relevantes. Durante essa etapa, a professora fornecia suporte, auxiliando com as explicações necessárias, mas mantendo o protagonismo do aluno dentro do processo de aprendizagem.

Agora, veremos um pouco da utilização deste livro de uma perspectiva diferente, a partir da versão apresentada pelo Professor B, da Escola Estadual Belo de Carvalho. Durante as visitas à escola, em uma das conversas, quando questionado sobre o uso do livro didático em suas aulas, o professor afirmou que sua frequência de utilização costuma ser dividida em "50 a 50 por cento". Ele considera o livro didático como um suporte para o ensino, mas não como algo fundamental e também não utiliza o manual do professor que acompanha a coleção dos livros distribuídos. Na verdade, ele informou que a instituição de ensino em que atua cobra apenas o plano de curso anual, deixando assim um espaço livre para que o docente faça seu planejamento de maneira mais flexível, como demonstrado abaixo na Figura 5.

Figura 5 – Página do caderno de planejamento do Professor B, com registros de atividades, marcando o início do segundo bimestre letivo.



Fonte: Acervo do Projeto.

Como podemos verificar nas imagens coletadas, o professor estrutura as atividades a serem realizadas por datas e turmas. Além disso, é frequente a utilização dos exercícios contidas no livro, como podemos observar no dia "11/04", onde várias páginas do livro do aluno são mencionadas para serem trabalhadas. Tanto no roteiro de entrevista, como igualmente constatado durante a observação das aulas, ambos professores costumam elaborar seu próprio material didático, além de utilizar outros recursos como resumos, slides, vídeos, documentários e imagens, etc. Esse processo de seleção e elaboração de materiais é comum na prática docente, como indicado por Nicolás Martínez Valcárcel, ao discutir os usos do livro didático na Espanha. Ele aponta que:

El libro de texto es un recurso que, en casi la totalidad de los departamentos de Historia de los Institutos de Secundaria, está recomendado, sin que ello suponga la obligatoriedad de su uso por parte del profesorado y alumnado de la asignatura. Este recurso convive con los apuntes - dictados o fotocopiados - elaborados por los docentes (MARTÍNEZ-VALCÁRCEL, 2016, p. 75).

No Brasil, embora ocorra uma ampla disseminação do livro em todo o território nacional por meio de projetos de distribuição como o PNLD, isso não implica necessariamente uma obrigatoriedade em seu uso, como podemos perceber a partir do relato do Professor B. Segundo as autoras Aléxia Franco e Ernesta Zamboni:

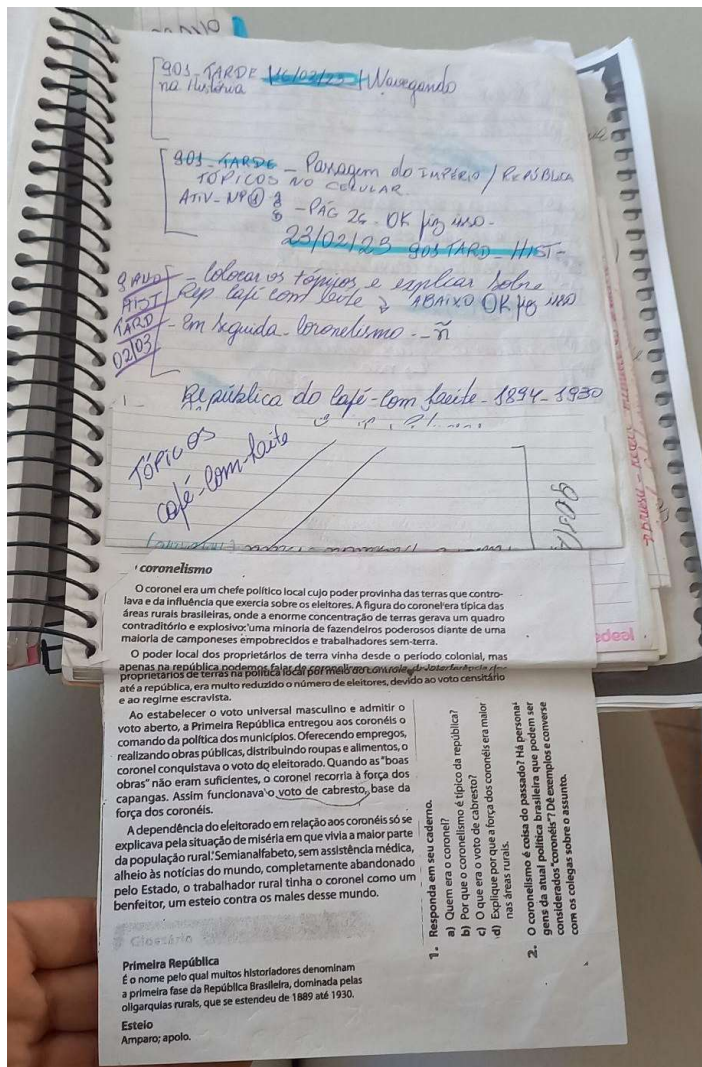
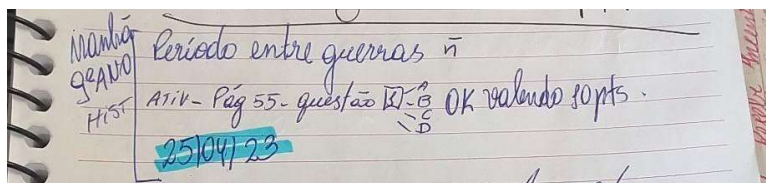
No entanto, as regulamentações e as prescrições traduzidas e adaptadas pelos autores e editores de livros didáticos conforme os interesses do mercado, apesar de terem um grande peso simbólico no contexto educacional e darem suporte para o planejamento das tarefas e dos conteúdos a serem ensinados, só se efetivam quando ganham forma em práticas concretas dos professores junto com seus alunos, em sala de aula, o que nem sempre acontece exatamente como está prescrito (FRANCO; ZAMBONI, 2013, p. 100).

De acordo também com José Gimeno Sacristán:

[...] o valor cultural e educativo dos materiais e textos escolares é construído na interação de três processos: as condições de elaboração, difusão, adoção, consumo e legitimação dos materiais escolares; o contexto de sua utilização (contexto organizativo, clima de aula, tarefas acadêmicas, complementaridade com outros materiais) e o contexto de sua interpretação por professores e estudantes (apud FRANCO; ZAMBONI, 2013, p. 100).

Assim, o livro por muitas vezes compete por espaço com outros materiais criados pelos professores. Observando também o caderno de planejamento do Professor B, podemos ainda notar uma metodologia interessante adotada pelo professor, na qual ele mescla diferentes livros, incorporando o texto de um com as atividades de outro, e vice-versa. Em uma das aulas que acompanhei dele, percebi que o professor faz “versões resumidas” dos conteúdos e repassa o texto para eles a partir do quadro branco, e utiliza também apostilas de outras instituições de ensino ou retiradas da *internet*, como indicado por ele no questionário. Além disso, muitas de suas aulas são resumos do texto e esquemas didáticos, frequentemente utilizando materiais que ele próprio produziu em anos anteriores, (reutilizando antigos cadernos de planejamento). Embora o uso do livro pelo professor nas aulas não seja frequente, é possível identificar alguns indícios de como ele é utilizado no seu caderno de planejamento, como demonstram as Figuras 6 e 7.

Figuras 6 e 7 - Páginas do caderno de planejamento do Professor B, onde ele especifica o texto e as atividades do livro didático que serão trabalhados, e indicação do uso do celular como suporte nas aulas.



Fonte: Acervo do Projeto

Outro aspecto a ser ressaltado é a utilização do celular como ferramenta de apoio dentro das salas de aula. Uma prática que se tornou imprescindível durante a pandemia de Covid-19 e que se mantém constante em algumas escolas. Segundo o Professor B, ele utiliza regularmente o celular para enviar o conteúdo das aulas, imagens, textos e atividades através dos grupos das turmas, uma vez que nem todos os alunos possuem um livro individual e não podem levar para casa. É permitido o uso do celular inclusive para compartilhar tópicos relacionados às aulas nos grupos, como é possível observar em uma de suas anotações (Figura 7). Entretanto, na outra escola

pesquisada, a Rotary, o uso de celulares é estritamente proibido e isso é enfatizado por cartazes de advertência afixados nas paredes das salas.

Um último aspecto que merece destaque é o processo de seleção das coleções de livros a serem trabalhadas. No relato da Professora A, ela frisa a participação ativa da escola desde o início desse processo. Ela mencionou que são disponibilizados diversos livros para serem escolhidos e que, após a análise feita entre as editoras e seus conteúdos, é feita a escolha. Todos os professores são incluídos nesse processo de escolha, que é discutido em reuniões conjuntas com todo o corpo docente.

Já o relato do Professor B indica que na escola em que leciona também ocorrem reuniões para seleção de livros didáticos, porém, a efetividade dessas reuniões é questionável, já que o livro que vem para ser distribuído raramente é o escolhido. Dentro ainda do relato do professor, ele mencionou que em determinado ano foi disponibilizado um livro que não foi bem aceito pelos alunos. Ele alegou que houveram reclamações dos alunos acerca da diagramação e do tamanho da fonte de um dos livros distribuídos, e que por isso precisou trocar de livro e voltar a utilizar um mais antigo.

O autor José Gimeno Sacristán:

[...] menciona pesquisas etnográficas realizadas no fim dos anos 1980 que desconstruíram o estereótipo de que os professores usam os livros didáticos de forma passiva e homogênea, ao descobrirem diferentes estilos de uso desse material escolar conforme as crenças pedagógicas dos docentes e o nível de escolaridade em que eles atuam. Há professores que centram sua prática no conteúdo do livro; outros que o percebem insuficiente e acrescentam elementos, e outros que problematizam os pontos de vista apresentados no texto (apud FRANCO; ZAMBONI, 2013, p. 106).

Ainda de acordo com pesquisas afins feitas por Diego Gois (2022, p. 210) é possível observar que os professores adaptam o uso do livro de acordo com o contexto em que estão inseridos. Para este autor, “é possível ainda identificar no relato da professora que as formas de ler os livros didáticos não estão condicionadas a um processo único e universal, seguido por todos os leitores, independente dos lugares sociais”. Além disso, uma das afirmações que se destacaram durante a conversa com o Professor B foi quando enfatizou que um dos motivos pelos quais não usa tanto o livro é por ser um material produzido distante da realidade dos alunos, e que por isso, ele precisa frequentemente abordar e adaptar essa questão para trazer exemplos

significativos para o contexto deles. Logo, o que fica subentendido pelo relato do professor é que seus critérios de escolha são subjetivos, uma vez que ele leva em consideração se o livro didático se encaixa ou não com sua forma de lecionar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a partir das fontes coletadas as decisões tomadas pelos docentes, como o uso ou não do livro didático, percebemos que essas escolhas se encaixam em padrões de uso identificados em outras instituições já investigadas. Em algumas situações verificadas durante a pesquisa, o livro é utilizado de maneira contínua, enquanto em outras é praticamente deixado de lado. Foi constatado então que nem sempre o livro é utilizado como a única fonte durante as aulas, havendo momentos em que ele se mescla com outros materiais ou é substituído por recursos criados pelo próprio professor a fim de suprir as lacunas existentes. Então será realmente que esse livro desempenha um papel tão determinante dentro do processo de ensino, como geralmente lhe é atribuído? Por isso a importância de se analisar o livro em correlação com os diferentes saberes e práticas docentes.

E ao considerarmos não apenas o livro em si, mas também os diferentes conhecimentos e práticas dos professores, podemos obter uma compreensão mais completa de como os livros didáticos são utilizados e influenciam o processo de ensino e aprendizagem. Isso significa entender que o livro didático não funciona isoladamente, mas está inserido em um contexto educacional mais amplo, onde interage com diversas variáveis, como as estratégias (táticas) pedagógicas dos professores, as necessidades dos alunos e os recursos disponíveis na escola, que por vezes até impossibilitam que esse livro seja trabalhado de forma individualizada. Essa abordagem mais ampla nos permite identificar tanto os pontos fortes quanto as limitações dos livros didáticos.

Um dos pontos positivos, no entanto, que podemos apreender da pesquisa inclui não apenas a geração de uma quantidade significativa de novas fontes de pesquisa, mas também a oportunidade de documentar o cotidiano que, por vezes, passa despercebido ou não tem sua necessidade de documentação reconhecida. Ter a oportunidade de entrar em contato com indivíduos que, sem perceber, contribuem diariamente para a construção da história, possibilita demonstrar que eventos

aparentemente comuns podem ser evidências de um processo histórico mais amplo no qual estão envolvidos.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. “Introdução geral”; “Ler: uma operação de caça”. In: **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3a ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998, pp. 37-53; 259-273.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 11, p. 5 – 24, Abr. 2002. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30596/pdf>. Acesso em: 20 de março 2024.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000300012>. Acesso em: 20 março 2024.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. In: **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, v. 13, n. 27 p. 9-75, Jan/Abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29026/pdf>. Acesso em: 20 março 2024.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

FRANCO, Aléxia Pádua; ZAMBONI, Ernesta. A apropriação docente dos livros didáticos de História: entre prescrições curriculares, saberes e práticas docentes. In: GALZERANI, Maria Carolina Bovério; BUENO, João Batista Gonçalves; PINTO JR., Arnaldo. (Org.). **Paisagens da pesquisa contemporânea sobre livro didático de história**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

GARCIA, Tânia Maria Figueiredo Braga. Os livros didáticos na sala de aula. In: GARCIA, T. M. F. B.; SCHMIDT, M. A.; VALLS, R. **Didática, história e manuais escolares: contextos ibero-americanos**. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 69-102.

GOIS, Diego Marinho de. **Lições de história prescritas, lições de História (re)construídas: a temática indígena e usos de Livros Didáticos de História em escolas indígenas do baixo tapajós – Amazônia Brasileira**. 2022. Tese (doutorado em educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

LUCA, Tânia Regina. **Livro Didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas**. In: ROCHA, Helenice Aparecida Bastos; REZNIK, Luís; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (orgs.). **A História na escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **D21_O debate em torno dos livros didáticos de História (Texto complementar)**. UNESP, 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46193>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARTÍNEZ-VALCÁRCEL, Nicolás. El uso del libro de texto de historia de España en bachillerato: entre el aula y la casa. **Hist. Educ.** (on-line), Porto Alegre, v. 20, n. 50, p. 69-93, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/62453/pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático**: alguns temas de pesquisa. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas-SP, v. 12, n. 3, p. 179-197, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38817/20335>. Acesso em: 07 abr. 2023.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A Escola: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p.131-147, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss2articles/rockwell-ezpeleta.pdf>. Acesso em: 24 março 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES E PROFESSORAS DE HISTÓRIA DE ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BAIXO AMAZONAS, ELABORADO PELA AUTORA.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES E PROFESSORAS DE HISTÓRIA DE ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BAIXO AMAZONAS

1. Nível de formação: () nível fundamental () nível médio () nível superior
() especialização () mestrado () doutorado
2. Indicar a instituição em que se graduou e em que curso: _____

3. Você participa de cursos, encontros, congressos ou eventos que tratam de assuntos de sua área? () sim () de vez em quando () raramente () não
4. Há quanto tempo leciona? _____
5. Carga horária semanal de trabalho: _____
6. Qual é o perfil de seus alunos? /de que classe social ou área da cidade eles vêm?

7. Quanto ao perfil da escola, indique se é de: () zona urbana () zona rural () indígena
() quilombola
8. Qual a participação de sua instituição no planejamento de suas aulas?

9. Como ocorre a escolha dos livros didáticos que serão usados? Os professores são incluídos nesse processo?

10. Qual ou quais livros você utiliza? São os selecionados/distribuídos pela escola ou você faz uma escolha à parte?

11. Todos os alunos têm acesso a um livro didático individual ou precisa ser compartilhado? É permitido que esses alunos levem os livros para outros espaços fora da escola?

12. Você complementa suas aulas com outros materiais? () sim () não. Se afirmativo, quais?

13. Como você estabelece os objetivos de ensino, ou seja, o que direciona as aulas: PCNs? Ementa da escola? Ementa feita por você? Planejamento feito em grupo? Livro-texto? Exames de vestibulares?

14. De que forma você adota o uso do livro didático nas suas aulas? O retorno às aulas pós-pandemia alterou isso?
